



NÓBREGA, Andreza. (Andreza da Nóbrega Arruda Silva) Áudio-descrição no Teatro: espectadores com deficiência visual e seus olhares sobre “Nem Sempre Lila”¹. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. UFPE; Mestre em Educação; Orientador; Francisco José de Lima Atriz, arte-educadora, áudio-descritora e consultora em inclusão.

RESUMO

O presente artigo traz a discussão dos resultados de uma pesquisa de mestrado. O estudo recorreu à criação de um caso significativo em que se evidencia a acessibilidade comunicacional para pessoa com deficiência visual, caso este em que fora aplicado o recurso da áudio-descrição no espetáculo “Nem Sempre Lila”¹, direcionado à infância e juventude. Por meio de uma entrevista individual, buscou-se identificar elementos visuais captados pelos usuários da áudio-descrição. A análise revelou que a recepção e fruição do espetáculo por meio da áudio-descrição se torna muito mais significativa, ao passo que os sujeitos se relacionam com os diversos elementos da teatralidade (cenário, figurino, movimentação cênica, iluminação, maquiagem), que influenciam a forma de sentir e receber a obra, empoderando-os para que possam emitir seu posicionamento crítico enquanto espectador, que é aspecto importante para a área do teatro-educação.

PALAVRAS-CHAVE: Áudio-descrição: Inclusão: Acessibilidade comunicacional: Tecnologia assistiva: Teatro-educação.

ABSTRACT

This paper presents a discussion of the results of a Master thesis. The study was based on the creation of a study case in which communication accessibility for visually impaired person was applied, which means; the use of audio description in the play “Nem Sempre Lila” conceived to children and youth audience. It was analyzed throughout interviews, in order to identify visual elements captured by the users of audio-description. The analysis revealed that the reception and enjoyment of the play through audio description becomes much more significant, while the interviewed gets into contact to different elements (scenery, costumes, scenic drive, lighting, makeup). It influenced in the way that the visually impaired person feels and receives the play. Audio-description empowered visually impaired people so they can articulate their critical position as a spectator, which is important to the area of theater education.

KEYWORDS: Audio-description: Inclusion: Accessible Communication: Assistive technology: Theatre education.

Vivemos um momento de significativas pressões para fazer a valer a premissa da inclusão “construir uma sociedade para todos”. Apesar de uma robusta legislação que prima por garantir os direitos fundamentais dessas

peças, consideramos que há uma longa jornada para o que está previsto na lei ser efetivado nas práticas sociais. A reflexão sobre os meios que possibilitam a participação da pessoa com deficiência em vários campos que envolvem a sociedade, seja no contexto laboral, cultural, esporte e lazer, apresenta as tecnologias assistivas como recurso importante para o empoderamento desse sujeito em ações comuns, como ir ao teatro. E o que pensar do indivíduo com deficiência visual que decide ir ao teatro, quantas barreiras ele encontra nesse caminho? É o taxista que se recusa levá-lo por causa do cão-guia. Ao optar pelo transporte público, é preciso contar com a “generosidade” de um transeunte ou acenar e torcer para que o ônibus pare e o motorista informe o destino. Acrescente-se a isso: calçadas esburacadas, ausência de sinais sonoros entre outros. Além de tudo isso, a pessoa com deficiência visual, muitas vezes - quando vai ao teatro - usufrui apenas de parte da obra, porque as informações visuais estão inacessíveis.

No que concerne ao acesso ao mundo das imagens para pessoas com deficiência visual, a áudio-descrição é o gênero tradutório que descreve o que é visto, essencialmente utiliza a descrição por meio de palavras como nutriente para a imaginação criadora do sujeito, usuário e espectador do evento visual.

Genericamente, o espetáculo teatral se estabelece pelo que está em cena, pela junção entre o texto falado e a materialidade captada sensorialmente seja pela visão, pelo olfato, ou até mesmo pelo tato e o paladar. A inter-relação das coisas vistas, ouvidas e faladas presente nas celebrações espetaculares e a necessidade de comunicar tudo isso para todos abre a porta para os recursos assistivos.

Enquanto recurso de acessibilidade comunicacional, a A-d (áudio-descrição), transforma o que é visto, observado em palavras. É uma técnica de tradução intersemiótica que, por meio do discurso oral ou escrito, possibilita o acesso às informações imagéticas (LIMA, 2009).

A áudio-descrição no teatro é a locução da dramaturgia da cena, que consiste nos escritos poéticos resultantes do trabalho dos artistas que nela atuam: diretor, ator, dramaturgo, cenógrafo, iluminador, maquiador entre outros, são os poetas da cena, que transcrevem em corpo e materialidade as emoções, intencionalidades às vistas do espectador, a dramaturgia do espectador, a construção interna da obra na apreciação e fruição (aspectos que influenciam a recepção, tais como as experiências pessoais, personalidade) integrantes da apreciação estética.

Ler, reler, conhecer, criar. Nós criamos um texto quando lemos o texto. Na verdade, o que lemos não é exatamente o que está escrito, mas o que nos chama atenção, o que nos aguça a sensibilidade, dentro de um mar de palavras. Escolhemos determinadas passagens, escolhemos determinados sentidos possíveis num texto literário, por exemplo, e desta forma criamos um livro dentro do livro (BARBOSA, SEVERINO, 1992, p. 31-32).

Analogicamente diríamos que nós criamos um espetáculo quando assistimos ao espetáculo, a obra se constitui na experiência estética do espectador. A experiência estética, segundo Duarte Jr (1998) é “uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja [...]” (p. 91). Para ele, é com a experiência estética que o homem “apreende o mundo de maneira direta, total, sem a mediação parcialmente de conceitos e símbolos” (p. 91).

Em maio de 2012, foi defendida na Universidade Federal de Pernambuco a dissertação “Caminhos para Inclusão: Uma Reflexão sobre Áudio-Descrição no Teatro Infante-Juvenil”, a qual pretendia analisar as contribuições da áudio-descrição para apreciação do espetáculo teatral por pessoas com deficiência visual. O estudo recorreu à criação de um caso significativo em que se evidencia a acessibilidade comunicacional para pessoa com deficiência visual, caso este que fora aplicado o recurso da áudio-descrição no espetáculo “Nem Sempre Lila”, direcionado à infância e juventude. Em análise posterior, por meio de uma entrevista individual, buscou-se identificar elementos visuais captados pelos usuários da áudio-descrição., com sua posterior análise, por meio de uma entrevista individual, visando identificar elementos visuais captados pelo usuários da áudio-descrição.

Ao término do espetáculo, a fim de avaliar o potencial de transferência de informações visuais a partir da A-d para audiências com deficiência visual realizamos uma pesquisa de recepção dos elementos visuais do espetáculo, que consistiu numa entrevista semi-estruturada a fim de identificar compreensão dos elementos visuais. Nesta entrevista, foi pedido que relatassem elementos visuais presentes nas cenas, iluminação, caracterização dos personagens entre outros. A entrevista foi realizada com um grupo de vinte e um espectadores (cegos ou com baixa visão) que assistiram ao espetáculo Nem Sempre Lila entre os dias 21,22, 27,28, com idades entre 11 e 55 anos, a maioria ocupantes da classe baixa e ligados a entidade de assistência da pessoa com deficiência.

O espetáculo em questão propõe um jogo cênico onde uma atriz interpreta diversos personagens, recorre à recursos de alteração vocal, elementos visuais marcados por uma sonoplastia executada ao vivo por dois músicos/atores. Adiante apresentamos os olhares desses alguns dos elementos visuais presentes em Nem Sempre Lila.

Por meio da áudio-descrição, os sujeitos trouxeram-nos, nas falas, informações que referenciavam essas propriedades da encenação que inevitavelmente está intimamente imbricada a categoria de técnicas de representação.

Crist – [...] Foi falando dos músicos, que um estava com o violão e o outro estava com um instrumento de percussão. Aí depois começou a narrar a peça.

Edv – Para representar a moça encantada ela utilizava lenços, ela usava lenços... Agora uma coisa, Lila ela fazia papel duplo, né?

[...]

Edv – Justo... Ela mesmo que fazia o próprio. Ela era a Torta isso e aquilo e daqui a pouco quando surgia a Bela, aí era ela mesmo que fazia o papel, modificava a voz e só uma curiosidade que eu tinha.

Uma das técnicas de representação utilizadas na encenação foi a animação de objetos, com a qual os atores exploram e resignificaram os objetos (lenço, tambor, violão) apelando significativamente para o sentido da visão.

Conhecer como é a técnica, saber como ela é empregada numa dada obra, a individualiza e define dentro de um espetáculo. Neste caso, define o próprio espetáculo como uma obra artística. Portanto, saber a forma como a Lilatixa toma vida no palco, a moça encantada, Recife e Olinda, é um dos aspectos relevantes no processo de recepção e fruição da pessoa com deficiência visual.

Para além do tipo de material, outros relatos apontam características específicas sobre os aspectos técnicos da manipulação da Lilatixa.

Entrevistador(a) – Não? Mas tu lembras como ela era? Como é que Lila manipulava essa Lilatixa, que era uma lagartixa?

Marco – Ela ficava com ela na mão e tirando um bocado de pano.

Rob – Com pedaços de pano e ela representava nos dedos.

Entrevistador(a) – Hum rum. Nos dedos por quê?

Rob – Os dedos era a Lilatixa.

Entrevistador(a) – Ah, certo.

Rob – Que dizia “sim” pra tudo.

No que concerne ao aspecto técnico de representação da moça encantada, princesa presente na história da Moura Torta, as falas dos espectadores nos revelam elementos descritivos da personagem e da movimentação:

Edv – Para representar a moça encantada ela utilizava lenços, ela usava lenços... Agora uma coisa, Lila ela fazia papel duplo, né?

Edv – Justo... Ela mesmo que fazia o próprio. Ela era a Torta isso e aquilo e daqui a pouco quando surgia a Bela, aí era ela mesmo que fazia o papel, modificava a voz e só uma curiosidade que eu tinha.

No tocante à técnica de representação para criação do personagem Recife, um jovem cavaleiro, e de Olinda, uma moça muito alta, que estão prestes a casar, os espectadores trouxeram nas falas descritivos visuais captados pela áudio-descrição. Vale salientar que em nenhum momento da história Lila traz nos diálogos essas informações.

Marl – Eu percebi né? O Recife mesmo foi uma criatividade muito bela, né?

Entrevistador(a) – Hum rum.

Marl – Que ele substituía o violão, né?

Entrevistador(a) – Hum rum.

Marl – Pra formar é... como se fosse o centro principal do Recife, né?

Entrevistador(a) – Hum rum.

Marl – A “cabeça” do Recife. Que seria a do personagem, né?

Entrevistador(a) – Hum rum.

Marl – E a Olinda também, que ela colocou um tambor na cabeça, né?

Perceber o movimento, o deslocamento da imagem no espaço é uma das contribuições que a áudio-descrição oferece para apreciação do espetáculo.

Bel – Na hora eu fiquei imaginando porque a moça falando que a atriz tava com a perna pra cima.

Entrevistador(a) – Hum rum.

Bel - Ela tava dançando era pra cima? Eu achei interessante isso daí. Cada toque do instrumento lá, se era mais rápido ou mais devagar ela fazia os mesmos movimentos que a música, era isso que eu fiquei pensando pra mim mesmo, entendeu?

Entrevistador(a)– An ran.

Bel – Ela tava de ponta cabeça, é?

Entrevistador(a)– An ran.

Bel – Por que a moça disse que ela está agora com a cabeça... Com as pernas... A cabeça pra baixo e as pernas pra cima fazendo, fazendo os mesmos movimentos. Vai pra lá, vai pra cá, o movimento. Aí eu tava analisando que eu tava ouvindo a música e a música do violão, então eu deduzi também que ela tava... Aí, na minha imaginação, essa menina é fogo ela tava fazendo tipo um malabarismo. Plantando bananeira. Foi assim que eu pensei e achei bonito.

Constata-se que a áudio-descrição evocou uma imagem o que levou a entrevistadas “Bel” a definir como complexa a ação física elaborada pela atriz, atribuindo valor que a fez achar a ação bonita. “O sentido de uma cena não se constitui como um dado prévio, estabelecido antes da leitura, algo pronto, fixo, atribuído desde sempre pelo artista, mas algo que se realiza na própria relação do espectador com o texto cênico”. (DESGRANGES, 2012, p.17).

Os extratos de fala analisados, e aqui apresentados sucintamente, são apenas um pequeno recorte que confirma os benefícios do recurso da áudio-descrição. Os sujeitos deste estudo expressaram o sentimento de acolhimento ao serem reconhecidos e valorizados enquanto ser humano participante de ações comuns a todos, como ir ao teatro.

Caminhar no sentido da inclusão é atuar na transformação do nosso eu, do nosso entorno e inspirar o outro, esteja ele próximo ou distante. É propiciar que o outro, e também a pessoa com deficiência, dilua barreiras. No aspecto que preza sobre a participação na vida, cultura e lazer, as pessoas com deficiência visual sinalizam que voltaram ou começaram a frequentar o teatro depois da disponibilização da áudio-descrição, o que nos lança o alerta de que novas pesquisas sejam feitas nessa área.

Referencias bibliográficas

DESGRANDES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: Provocações e Dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

LIMA, F. J. ; LIMA, R. A.F. **O direito das crianças com deficiência visual à áudio-descrição**. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), 2009.

GUÉNOUN, Denis. **A exibição das palavras**. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2003.

ICLE, GILBERTO. **Teatro e Construção de Conhecimento**. Ed. Mercado Alegre, Porto Alegre/Rs, 2006.

As reflexões apresentadas nesse artigo são recortes da dissertação de mestrado defendida no programa de Pós Graduação em Educação da UFPE, orientada pelo professor Dr Francisco José de Lima.

ⁱⁱ Sinopse: Era uma vez Lila, uma menininha (não tão menininha), que caiu num buraco depois de viver uma história sem “o feliz pra sempre” dos contos de fadas: a separação dos pais. Num dia de domingo, guiada por pensamentos e questionamentos, Lila embarca na brincadeira de ser a história: ela mergulha no universo das princesas, da Moura Torta e do Amor entre Recife e Olinda, entrelaçando e costurando esses contos com a sua própria vida. Lila está crescendo, e começa a descobrir que o mundo tem muitas formas diferentes de girar, mas ela vai ter que cavar bem fundo se quiser descobrir tudo. Cava, cava, cava! Disponível em www.quadrodecena.com.br